

# Contribuições e desafios metodológicos da pesquisa com crianças: reminiscências de uma etnografia em uma comunidade de Niterói – RJ<sup>1</sup>

Betânia Mueller

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Antropologia  
Universidade Federal Fluminense/Rio de Janeiro

## **Introdução**

Subindo um caminho um tanto íngreme, passando por algumas ruelas e becos, diversas casas, alguns estabelecimentos, e uma visão panorâmica de uma parte da cidade, cujo belo visual dá nome ao Morro, pode-se chegar ao cenário onde se inicia esse trabalho. O Morro da Boa Vista localiza-se na cidade de Niterói, vizinha à capital Rio de Janeiro, ocupando ao mesmo tempo dois bairros, dentre eles o bairro Fonseca. Nesse bairro, através de uma grande avenida, pode-se vislumbrar morros de ambos os lados, dominados por diferentes facções de tráfico de drogas, que ora peleiam entre eles, ora com a polícia. No meio dessa trama de relações estão os demais moradores, dentre eles as crianças, que participam da vida cotidiana e constroem suas próprias percepções sobre o mundo ao seu redor.

Dentro desse contexto surgiu o projeto Jovem de Jesus, iniciativa de um casal de moradores do local, com o objetivo declarado de afastar os jovens da criminalidade, por meio da inserção no esporte, no caso a também arte marcial Jiu Jitsu. Meu objetivo de pesquisa ao acompanhar esse projeto por cerca de um ano, para minha dissertação de mestrado, foi o de justamente tentar conhecer melhor o ponto de vista dessas crianças, além dos demais jovens e participantes do projeto. Seu ponto de vista sobre o contexto a sua volta e diversas questões, conforme foram surgindo, para além de meu próprio interesse, e que serão aqui apresentadas e problematizadas.

Tratou-se de uma pesquisa etnográfica, que realizei durante todo o ano de 2014, utilizando a técnica da observação direta, em seguida passando para a observação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

participante, por considerar que seria importante para minha inserção no campo. Assim, passei a não apenas observar os treinos do projeto, mas também treinar junto com eles, primeiramente com as crianças, meu foco maior de pesquisa, depois com os jovens adultos, onde minha faixa etária me fazia pertencer. Além disso, trabalhei também com as crianças por meio de momentos de desenho livre e conversas separadas dos treinos, que se converteram em ocasiões privilegiadas em nossa interação.

Meu interesse em focar nas crianças partiu não apenas de afinidade, mas também de ainda perceber ainda uma lacuna na antropologia de pesquisas que focalizem as crianças enquanto sujeitos sociais, não apenas como adultos em formação ou como participantes paralelos da vida dos sujeitos pesquisados, em relação a outras pesquisas. Para isso, me embasei em autores que já trilhavam esse caminho, com seus percalços, particularidades e descobertas, autores já pautados na linha dos considerados novos estudos da criança, visão que inspirou minha decisão.

Tendo vindo de uma formação em Psicologia, eu já gostava de trabalhar com crianças, porém reconheço as distinções entre essa disciplina e a atual Antropologia da Criança, sendo a primeira em geral criticada por considerar as crianças de forma universal e descontextualizada. Como havia observado Schwartz (1981), enquanto lia sobre a aquisição da linguagem na infância, *“a antropologia tem ignorado as crianças na cultura, enquanto os psicólogos do desenvolvimento tem ignorado a cultura nas crianças. O resultado é ignorância do processo e conteúdo da emergente competência da criança como membro de uma cultura”* (SCHWARTZ, 1981, p.4, tradução minha). Assim, também a Antropologia nem sempre dedicou especial atenção às crianças como sujeitos das culturas estudadas.

Nas últimas décadas, a atenção da Antropologia tem se voltado mais para as crianças, passando a considerá-las sujeitos sociais e também construtores de cultura, embora ainda haja desafios. É possível que hoje também haja pesquisas na área da Psicologia que busquem a importância da contextualização das infâncias, porém não é o foco desse trabalho. Em relação à Antropologia, os desafios atuais dizem respeito tanto à questões metodológicas, éticas, como também de reconhecimento e interlocução com outras áreas da disciplina, conforme discutirei adiante.

## Antropologia da criança

Há poucas décadas, é reconhecida certa negligência dos antropólogos em relação ao estudo comprometido das crianças. Schwartz (1981), escrevendo sobre as pesquisas de aquisição da cultura, analisa que *“Nós (antropólogos) com frequência observamos crianças, mas nós usualmente não temos tomado elas seriamente como participantes que possuem uma competência emergente como membros constituintes de uma cultura.”* (SCHWARTZ, 1981, p.10, tradução minha).

O autor segue refletindo acerca de sua própria experiência, admitindo que em quase todos os eventos que observou em campo havia crianças presentes, porém não o tocou a ideia de inclui-las na pesquisa. Nas palavras do autor, *“trabalhar com as crianças em seu emergente entendimento do que estava acontecendo”* (p.10, tradução minha), ficando restrito a entrevistar seus pais. Assim também ele diz ter observado na maioria das pesquisas de seus colegas, chegando à conclusão que essa negligência dos antropólogos em relação à criança como pessoa e participante importante na cultura podia até ser maior que a recente negligência da disciplina em relação às mulheres. Apesar disso, o autor reconhece algumas importantes exceções na história da Antropologia, que teriam sido precursoras desse trabalho, como Margaret Mead, que entrevistou crianças Manus em 1928 (SCHWARTZ, 1981).

Mais recentemente, o artigo de Hirshfield (2002), intitulado *“por que os antropólogos não gostam de crianças?”*, ainda aponta para uma lacuna. O autor argumenta que poucas grandes obras na disciplina tiveram como foco específico as crianças. Lancy (2012), instigado pela provocação de Hirshfield, escreve que considera sua colocação como longe de ser o caso, porém reconhece o campo como fragmentado e que os estudantes podem estar por dentro de algumas das partes mas não da soma delas (LANCY, 2012, p. 1, tradução minha).

Como resposta a essa questão, o autor escreveu um livro reunindo diversas pesquisas de Antropologia da Criança, em uma espécie de catálogo temático da área. Independente de críticas ao livro, penso que essas iniciativas demonstram um campo mais consolidado. Assim também aponta Cohn (2013):

Venho cada vez mais me tornando consciente de que faz muitos anos que vimos dizendo que o campo da antropologia da criança é um campo em criação, crescimento, consolidação. Com satisfação, percebo que hoje se trata de um campo plenamente consolidado, com ampla representação nos debates nacionais e internacionais, em publicações e eventos de antropologia (COHN, 2013, p. 222).

A autora segue a reflexão dizendo que ainda é necessária a busca por consolidação desse campo em outro sentido, no sentido do reconhecimento que esses conhecimentos podem trazer à disciplina como um todo, tanto dentro de suas áreas contextuais (por exemplo, antropologia da criança indígena dentro da área da etnologia indígena), quanto como forma de interlocução com as demais áreas da Antropologia (COHN, 2013).

Traçado esse breve panorama, julgo necessário citar alguns princípios dessa nova fase, com a consolidação da Antropologia da Criança, que já percebo como consenso entre os antropólogos da área.

Com base nos estudos da criança, meninas e meninos são sujeitos produtores de culturas, uma vez que sua agência tem desdobramentos entre os grupos de pares, via aproximações, amizades, brincadeiras, empatia, conflitos. Todas estas interações possibilitam o desenvolvimento dos processos de construção social de sentidos acerca do que as rodeia (espaço, tempo, regras e saberes), o que é sempre mais complexo do que eventualmente possamos pensar. (BARBOSA, DELGADO e TOMÁS, 2016, p.117).

Assim, como colocam Barbosa, Delgado e Tomás (2016), a ideia dos Novos Estudos da Criança é construir, a partir das crianças, novas imagens de infâncias, que levem a perspectivas mais contextuais. Para conseguir captar a produção cultural a partir das crianças, segundo as autoras, nós adultos temos que ter uma postura de constante observação, reflexão e questionamento. Isso porque, como coloca Cohn (2005), os sentidos que as crianças elaboram partem de um sistema simbólico compartilhado com os adultos, porém com uma particularidade própria, não se confundindo nem podendo ser reduzidos aos sentidos elaborados por estes. “*As crianças têm autonomia cultural em relação ao adulto*” (COHN, 2005, p. 35). Essa questão da autonomia será retomada mais adiante.

### **Alguns aspectos sobre o campo de pesquisa**

Antes de tratar sobre questões relativas a esse trabalho, se faz necessário compreender melhor esse cenário. O projeto Jovem de Jesus, tinha como atividade o ensinamento e prática do Jiu Jitsu. Os treinos ocorriam duas vezes na semana, no turno da noite, sendo o primeiro da turma das crianças, e o segundo dos adolescentes e adultos, ou, na linguagem das crianças, dos “grandes”.

Os professores do projeto eram um professor externo, que participou ajudando na criação do projeto, o fundador do projeto, aluno deste e que também dava aulas, e o filho de sua esposa. Seguindo a hierarquia própria do esporte, na ausência do professor mais graduado, no caso o professor externo, os outros dois davam as aulas, sob a autorização deste.

Os fatores de divisão entre as turmas eram variáveis, sendo requisito para a entrada na “turma dos grandes” em geral a idade de 13 anos, ou a estatura e desempenho no esporte. Apesar de haver essa divisão em termos de competições oficiais, não havia divisão por gênero nos treinos do projeto, então meninos e meninas, homens e mulheres treinavam juntos.

A sede do projeto era um complexo onde antes funcionava uma organização da Igreja Batista, chamada “Reencontro”, que então estava desativada, sendo cedida para o projeto e a comunidade. O complexo se localizava mais ou menos no meio do Morro, já a certa altura, e era constituído por duas casas, onde ocorria a prática do Jiu Jitsu, uma quadra de esportes e uma pequena praça. O projeto era mantido apenas por doações e empenho dos seus fundadores e colaboradores, não possuindo registro oficial, o que dificultava a aquisição de maiores financiamentos. Apesar disso, seu fundador sempre se empenhava em fazer materiais com o logotipo do mesmo, como camisetas, garrafinhas, pôsteres e adesivos, trazendo uma ideia de identidade e pertencimento para a equipe.

### **Aproximações e assimetrias**

Quando cheguei ao Morro da Boa Vista, me apresentando como pesquisadora para observar os treinos de Jiu Jitsu, as crianças que iam se aproximando se questionavam a respeito de diferenças entre nós. Um diálogo inicial que gosto de recordar demonstra essa percepção a respeito de diferentes pertencimentos sociais. Uma menina, de cerca de 10 anos, veio me perguntar se eu morava no morro, ao que outra prontamente respondeu, antes que eu

respondesse, “*ela é muito educada, ela não mora no morro, ela mora em apartamento, não em favela como a gente*”.

Assim, as crianças demonstravam a percepção de certa distância entre nós. Visando encurtar essas distâncias e me aproximar delas, após algum tempo observando os treinos, em que meu contato com as crianças se restringia a cumprimentos e a segurar suas coisas enquanto treinavam, eu resolvi treinar junto a elas. Como retomarei adiante, a escolha desse método possibilitou uma aproximação muito maior com as crianças e participantes do projeto.

Quando comecei a treinar com as crianças, a alegria estampada em seus rostos e em suas reações foi notável, afinal, eu resolvera quebrar a barreira pesquisadora distante x participante. “*A tia vai treinar com a gente!*”, diziam. Para demonstrar o quanto esse movimento possibilitou mudar sua percepção a meu respeito, a mesma menina que antes dissera que eu era muito educada para morar no morro, ao comentar com ela que eu havia machucado meu dedo fazendo faxina, me perguntou espontaneamente se eu trabalhava com faxina, demonstrando que eu poderia ter como profissão um ofício bastante comum entre os moradores de favelas.

Apesar da riqueza que foi treinar com as crianças, conforme descreverei com mais detalhes adiante, gostaria de ressaltar o aspecto de minha assimetria no tocante também à idade. Afinal, por mais participante em que eu me convertera, treinando, brincando e estando disposta a aprender como as crianças, eu ainda era a “*tia Betânia*”.

Pires (2007), discutindo questões a respeito dos desafios de “*ser adulta e pesquisar crianças*”, analisa que, ao utilizar a estratégia de se aproximar das crianças e de suas atividades em campo, se colocando em alguns contextos na condição de aprendiz, o antropólogo se coloca algumas vezes como um tipo de adulto diferente, que não chega a ser visto como uma criança, mas que gera alguns questionamentos, podendo ser tratado como igual em alguns momentos. A autora descreve uma situação em que, participando de uma aula de ensino religioso, buscando-se diferenciar-se das professoras, ao ser solicitado uma tarefa para as crianças, as mesmas se mostraram solidárias a ajudá-la a realizar a tarefa, oferecendo seu material emprestado. Da mesma forma ocorreu comigo quando iniciei o ensino do Jiu Jitsu, quando uma menina prontamente me acolheu dizendo que ia me ajudar a aprender.

Assim, eu também me coloquei nessa condição de aprendiz, pedindo às crianças que me ensinassem, porém é notável que essa assimetria gera questionamentos. Em outra ocasião, outra criança veio me perguntar se eu tinha amigos onde eu morava, emendando em seguida a pergunta, “*grandes ou pequenos?*”.

Em outras vezes, desconfio que o conhecimento, por parte dos fundadores do projeto, de minha formação como psicóloga, profissão de certa forma muito mais conhecida em nossa sociedade, possa ter influenciado em meu campo com as crianças. Essa desconfiança iniciou em uma situação em que me foi feita uma confidência, conforme descreverei adiante, porém nunca chegou a ser confirmada.

### **Aspectos metodológicos**

Como descrevo acima, a técnica que deu início à melhor efetivação de minha pesquisa foi a da observação participante, quando comecei a participar dos treinos de Jiu Jitsu. A importância dessa técnica para a pesquisa com crianças foi também ressaltada por Cohn (2005), que a descreve como uma alternativa enriquecedora para se trabalhar com elas, permitindo uma interação direta, tratá-las em condições de igualdade e ouvir o que pensam sobre o mundo que as rodeia.

Sair da posição de observadora para a de participante mudou imediatamente a abertura das crianças em relação a mim, que passaram a interagir muito mais comigo. Essa interação em parte é devida a própria particularidade do esporte, cujo contato corporal possibilita, segundo minha hipótese, também uma maior aproximação. Como particularidade do treino na turma das crianças, haviam também as brincadeiras e momentos de descontração, trocas de afeto e conversas paralelas. Tudo isso, junto a minha postura de abertura para aprender e participar, facilitaram minha inserção junto a elas.

Assim também analisa Pires (2007) a respeito de sua experiência: “*Se as crianças me vissem como um aprendiz e não como uma professora, que sabe todas as respostas e ensina, seria mais fácil desencadear uma relação de cumplicidade e confiança, o que tornaria possível a pesquisa*” (PIRES, 2007, p.233). Ainda segundo a autora, o ato de se expor à atividades tipicamente infantis, como as brincadeiras, pode não nos levar a ser consideradas

crianças, porém a assimetria geracional, nessas circunstâncias pode deixar de ser um imperativo negativo para a relação (PIRES, 2007).

Nesse sentido, acredito ser necessário ressaltar que “tornar-nos nativos” e sermos vistos como crianças não é nosso objetivo enquanto antropólogos. O que ocorre é que na pesquisa com crianças, a fim de encurtar essa assimetria e possibilitar melhores encontros, pode ser bem vinda certa distância em relação às posições usuais dos adultos, como uma posição professoral ou parental.

Apesar do proveito tirado da participação nos treinos, após os mesmos, eu ainda sentia falta de mais espaços específicos para essa interação, então comecei a introduzir os momentos de desenho. Eu mesma trazia e disponibilizava o material, composto por folhas de papel brancas, lápis de cor e apontador. Mais tarde trouxe também livros, porém os mesmos não chegaram a ser utilizados muitas vezes. O desenhar, porém, tinha um bom apelo entre as crianças, como também observou Pires (2007) em sua pesquisa. A autora também ressalta a importância de utilizar o desenho junto com a observação participante.

Após disponibilizar o material de desenho, as crianças passaram a pedir para desenhar após os treinos, o que passou a constituir um momento importante em nossa interação. A técnica que elegi foi a do desenho livre, pois embora eu tenha iniciado algumas conversas em campo sobre temas de meu interesse, eu procurei interferir o menos possível nesse sentido, procurando trabalhar acima das questões que surgiam, tanto nos desenhos como conversas.

Hoje avaliando, penso que eu poderia ter investigado um pouco mais com as crianças a respeito dos desenhos, pois embora eu perguntasse a elas sobre os mesmos, a única coisa que pedia para que escrevessem nos desenhos (até para meu controle, pois nem sempre estava presente quando desenhavam) era seu nome e idade. Pode ser que isso se deva a minha formação anterior na Psicologia, pois nessa área existem interpretações de desenhos menos contextuais, mais generalistas, por assim dizer, porém em uma pesquisa dentro da Antropologia penso que posso ter subestimado a importância da análise dos desenhos dentro do contexto e interpretação da criança. Algo a se pensar para as próximas pesquisas.

## Delicadezas éticas

Conforme descrevo anteriormente, os momentos de desenho se tornaram bastante proveitosos para minha interação com as crianças. Em uma dessas ocasiões, ocorreu uma confiança que me trouxe a hipótese de ter ocorrido talvez por minha identidade de psicóloga. Afinal, os fundadores do projeto sabiam que eu era e às vezes me identificavam dessa forma, o que pode ter influenciado também na postura das crianças, talvez até de maneira direta pelos professores do projeto.

Minha hipótese se deve à maneira com a qual a criança se dirigiu a mim. Estávamos eu e algumas crianças em uma sala desenhando, nessa ocasião algumas meninas também leram um livro em voz alta. Então, após algum tempo, essa menina, à época com 9 anos, fala para mim que quer me contar algo, mas não tem coragem. Após eu dizer a ela que poderia falar o que quisesse, ela então pede para as outras crianças que deixem a sala para ela conversar comigo. Pode ser que minha hipótese de essa situação se assemelhar ao que se faria com uma psicóloga esteja equivocada, seja como for, no papel de psicóloga e/ou antropóloga e pesquisadora, me senti privilegiada pela confiança da criança pela confiança que me fez.

Após as outras crianças saírem, ela então me confia que seu irmão estava indo na boca de fumo, em suas palavras, “*lá na boca*”, e que além disso ele explicara a ela o significado da sigla da facção que dominava o tráfico local. Pergunto o que ele ia fazer lá e ela “*ah, vender droga, vigiar*”, demonstrando conhecimento sobre o assunto. Depois disso, conversamos sobre suas preocupações a respeito, que segundo ela se restringiam aos momentos de trocas de tiro, porém demonstrou também preocupação com sua mãe, que estava chorando muito devido à situação.

Apesar de a menina dizer que seu irmão estava “*muito abusado*”, desobedecendo seus pais e respondendo a eles, ela não parecia emitir um julgamento pelo fato de ele estar indo na boca, demonstrando certa ambiguidade, afinal, era seu irmão mais velho. Isso me levou também a hipótese de como as crianças enxergavam essas questões, de formas distintas, conforme abordarei a seguir.

Após algum tempo essa história teve um triste desfecho, pois o irmão da menina faleceu, segundo relatos de uma overdose de drogas. Tudo isso me levou a refletir sobre a

delicadeza dessa confiança e de eu escrever a respeito dela. Embora não exponha os nomes, penso no quanto essa história teve um peso tanto para minha pesquisa quanto para meu envolvimento com a menina. Depois do ocorrido, ela estava mostrando uma foto em que aparecia seu irmão para outras crianças, quando foi brincar deixou a foto comigo, pedindo para que eu a segurasse, advertindo que eu a guardasse “*muito bem*”, porém depois foi embora e eu fiquei com a foto por algum tempo. Por mais que fosse o simples ato de me pedir para segurar, não deixei de notar novamente a cumplicidade daquele ato e a confiança depositada em mim.

Quando fui vê-la novamente e devolver a foto, resolvi coloca-la em um porta-retrato para dar de presente a ela. Ela agradeceu e me apontou na foto seu “irmão que morreu”. Perguntei como ela estava, se tinha saudades do irmão, ao que ela disse que sim, mas que estava bem. Contei a ela que eu também havia perdido um irmão, e ela perguntou qual era o nome dele. Assim, observo que nessas relações desenvolvidas em campo, o pesquisador também se envolve, realiza trocas, se dispõe a afetar, o que pode até ser visto como requisito para uma boa etnografia, conforme argumenta Favret-Saada (2005).

### **A autonomia das culturas da infância**

Conforme Sarmiento (2005), a principal questão no estudo das culturas da infância é a de sua autonomia, em relação aos adultos. Em que medida a cultura das crianças é independente da dos adultos. Cohn (2005) também chama a atenção para essa questão, afirmando que a autonomia cultural das crianças é relativa, fazendo parte de um sistema compartilhado com os adultos, que deve ser contextualizado. Segundo Sarmiento, “*há muito que se vem estabelecendo a ideia de que as crianças realizam processos de significação da ação e estabelecem modos de monitorização que são específicos e genuínos*” (SARMENTO, 2005, p.25).

Analisando a história das representações de infância, o autor aponta que as diferentes representações tem como marca traços de negatividade, mais do que a definição de características específicas. “*A criança é considerada como o não-adulto e este olhar adultocêntrico sobre a infância registra especialmente a ausência, a incompletude ou a*

*negação das características de um ser humano 'completo' (SARMENTO, 2005, p. 23). Porém, segundo o autor, na medida em que as culturas infantis questionam muito das visões do mundo dos adultos, interrogando suas evidências, pode-se pensar em outro sentido para essa negatividade. “Uma negatividade positiva: aquela pela qual o mundo social é interpretado e desconstruído em muitos dos seus pressupostos pelas culturas infantis (SARMENTO, 2005, p.25).*

Em minha pesquisa, cheguei à várias representações interessantes das crianças a respeito dos conflitos existentes no local, como o papel da polícia e dos traficantes, chegando à conclusão que elas são as mais variadas. Além disso, notei uma certa irreverência em relação a questão, que pode não corresponder à visão dos adultos do local. Por exemplo, e corrente a ideia dos chefes do tráfico serem “donos do morro”, sendo reproduzido na fala dos adultos, inclusive os fundadores do projeto que visa “combater” o envolvimento das crianças com o tráfico. Na fala de algumas crianças, houve a representação de meninos traficantes como “*recalcados*”, que “*querem aparecer*”, se referindo a alguns que ficavam provocando as crianças mexendo em armas na frente delas.

Nesse sentido, nem sempre a visão das crianças corresponde à dos adultos. Pode ser que essas crianças estivessem reproduzindo a fala de seus pais, por exemplo, porém, não deixa de ser uma representação que fez sentido para elas, podendo me explicar o que era ser recalcado nesse caso específico. Outra criança, um menino de 6 anos, se referindo às trocas de tiro entre a polícia e traficantes, dizia que para ele era “*tudo o mesmo tiro*”, o que parece demonstrar que para ele essas figuras não se distinguiam nessas circunstâncias. Também houve casos de crianças entusiasmadas com o fato de uma menina do projeto ser parente do “*dono do morro*”. Ou seja, as representações variam, e não necessariamente correspondem à visão dominante dos adultos.

As culturas da infância, com efeito, vivem desse vai-vém das suas próprias representações do mundo – geradas nas interações entre pares, nos jogos e brincadeiras e no uso das suas próprias capacidades expressivas (verbais, gestuais, iconográficas, plásticas), nas condições biopsicológicas em que as crianças vivem – com a cultura dos adultos, transmitidas através das suas instituições de veiculação e reprodução cultural, e disseminadas, quer sob a forma de produtos culturais para a infância, quer sob a forma de conteúdos culturais das comunidades de pertença das crianças (SARMENTO, 2005, p. 27).

Para fins de pesquisa, se considerar relevante a questão do que parte das crianças e o que pode ter sido reproduzido da fala de adultos, penso que uma forma de tentar chegar mais próximo a essa resposta pode ser buscar aprofundar as respostas das crianças, em uma tentativa de chegar às suas próprias representações ou do porque fazem sentido para elas. Porém, a relevância dessa distinção é discutível, uma vez que todos nós nos utilizamos de representações que nem sempre partem de nós, mas que nos fazem sentido, às vezes modificando-as de acordo com nossa percepção, como parece ser o caso das crianças.

### **Considerações Finais**

Nesse trabalho recordei alguns aspectos de minha experiência de pesquisa com crianças em Antropologia, realizada no ano de 2014, acompanhando um projeto social em um morro de Niterói – RJ. A partir de minha experiência etnográfica nessa pesquisa e de novas leituras escrevi nesse trabalho algumas reflexões metodológicas, teóricas e éticas, visando contribuir para a discussão na área da Antropologia da Criança.

Apesar de ver hoje essa área como cada vez mais consolidada, eu ainda percebia uma lacuna de pesquisas, talvez por, como aponta Lancy (2012), essas pesquisas estarem de certa forma espalhadas em diversas sub-áreas, havendo pouco diálogo entre elas. Considero essencial esse diálogo, visando trocas de experiência nesse campo tão rico e desafiador, de certa forma ainda inovador, de se considerar as crianças como foco de nossas pesquisas antropológicas.

Concordo com Sarmiento (2005), quando afirma que a diferença da infância não está na ausência de características dos adultos, mas sim na presença de características próprias das crianças. Segundo o autor, isso permite que independente das distinções culturais, de classe social, gênero, espaço geográfico e etnia, todas as crianças tenham algo em comum entre elas.

Considero importante ressaltar também, conforme Sarmiento (2005), que a interpretação das culturas infantis deve ser realizada junto da análise do contexto social em que as crianças vivem, interagem e dão sentido às suas ações. Ou seja, além de pesquisar a cultura das crianças, estar atento ao aspecto contextual dessa construção, que faz com que as infâncias sejam sempre diferentes, embora tenham elementos comuns.

## Referências bibliográficas

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; DELGADO, Ana Cristina Coll; TOMÁS, Catarina de Almeida. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos? **Inter-Ação**, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103-122, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v40i3.35869>>. Acesso em: 16 de junho de 2016.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COHN, Clarice. Concepções de infância e infâncias. Um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. **Civitas**, Porto Alegre, v.13, n. 2, p.221-221, maio-ago. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewFile/15478/10826>>. Acesso em: 17 de junho de 2016.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Rev. Cadernos de Campo**, n13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/50263/54376>>. Acesso em: 17 de junho de 2016.

HIRSHFIELD, Lawrence. Why don't anthropologists like children? **Rev. American Anthropologist**, 104(2):611-627, 2002.

LANCY, David. Why Anthropology of Childhood? A brief history of an emerging discipline. **AnthropoChildren**, 2012, 1. Disponível em: <<http://popups.ulg.ac.be/AnthropoChildren/document.php?id=918>>. Acesso em: 18 de junho de 2016.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 225-270, Junho de 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012007000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012007000100006&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Crianças: educação, culturas e cidadania activa. Refletindo em torno de uma proposta de trabalho. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 23, n. 01, p. 17-40, jan./jul. 2005. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/nucleos/nup/perspectiva.html>> Acesso em: 17

de junho de 2016

SCHWARTZ, Theodore. The acquisition of culture. **Ethos**, v. 9, n. 1, p. 4-17, 1981.

Disponível em: <[https://www.jstor.org/stable/640085?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/640085?seq=1#page_scan_tab_contents)>.

Acesso em: 17 de junho de 2016.